

CLÁUDIA TIEMI SAKAMOTO

**A VARIAÇÃO DO *SE* MEDIAL
NA FALA DE FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS

2008

CLÁUDIA TIEMI SAKAMOTO

**A VARIAÇÃO DO *SE* MEDIAL
NA FALA DE FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Lingüística como
requisito para a obtenção do grau de
Mestre em Lingüística.

Universidade Federal de Santa Catarina

Orientadora: Profa. Dra. Edair Görski

FLORIANÓPOLIS

2008

CLÁUDIA TIEMI SAKAMOTO

A VARIAÇÃO DO SE MEDIAL NA FALA DE FLORIANÓPOLIS

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de abril de 2008.

Orientadora: Profa. Dra. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro da Banca: Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro da Banca: Profa. Dra. Mariléia Silva dos Reis
Universidade do Sul de Santa Catarina

Membro Suplente: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

O foco central desta dissertação é analisar e descrever o funcionamento do *se* medial, bem como a variação entre o emprego e a omissão desse clítico na fala de Florianópolis, levando em conta fatores lingüísticos e extralingüísticos que estariam atuando na realização da variável. Com base nos pressupostos da Teoria da Variação e do Funcionalismo Lingüístico, analisamos 36 entrevistas do Banco de Dados VARSUL, estratificadas quanto ao sexo, tempo de escolarização e faixa etária dos indivíduos. Os dados foram categorizados e submetidos à análise estatística, que evidenciou a preferência dos florianopolitanos pelo emprego do clítico, em vez de seu apagamento. Verificou-se também que o *se* omitido não é o reflexivo nem o recíproco, mas o *medializador*, indicando possivelmente que o português falado em Florianópolis caminha na direção de uma distinção formal entre construções medializadoras e reflexivo-recíprocas. Terminada a análise, comparamos nossos resultados com os de outros estudos do português oral. Os resultados estatísticos evidenciaram que Florianópolis se configura como uma das cidades brasileiras que menos apaga o *se* medial, aproximando-se nisso do português europeu.

Dedico

Ao meu pai e à minha mãe, Lino e Helena, por proporcionarem os meus estudos até esta fase acadêmica.

Ao meu esposo, Christian, pelo estímulo, compreensão e carinho.

À minha filha, Suemi, pela paciência, companhia e carinho.

Agradeço

À professora Dra. Edair Maria Görski, por acreditar neste trabalho e pela orientação sábia.

Às professoras Dra. Izete Lehmkuhl Coelho e Dra. Maria Marta Scherre, pelas sugestões, no Exame de Qualificação deste trabalho.

Ao meu esposo, Christian, pelo incentivo, paciência, amizade, carinho e compreensão.

À minha super filha, Suemi, pela paciência, compreensão, carinho e companhia.

Aos meus pais, à minha irmã, Márcia, ao meu irmão, Marcos, à minha cunhada, Carol, pela preocupação e pelas palavras de incentivo.

À minha sogra, Goretti, por ter me apoiado e cuidado da minha pequerrucha quando precisei.

Às professoras Angela Cristina Di Palma Back e Márluce Coan, que me iniciaram nos estudos científicos da língua.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Quanto mais se conhece, mais se aprecia.

Leonardo da Vinci

SUMÁRIO

1.	Apresentação do fenômeno em estudo	12
2.	Fundamentação teórica	19
2.1.	A sociolingüística laboviana	19
2.2.	O funcionalismo lingüístico	26
2.3.	Interface teórica	31
3.	Objeto de estudo	34
3.1.	Breve história da voz média	34
3.2.	Tipos de <i>se</i>	43
3.2.1.	Se-reflexivo	43
3.2.2.	Se-recíproco	49
3.2.3.	Se-medializador	53
3.2.4.	Se-expletivo	65
3.3.	Fronteiras ambíguas	67
3.3.1.	Se-recíproco+medializador	68
3.3.2.	Se-recíproco+expletivo	69
3.4.	Outros estudos sobre o <i>se</i>	70

4.	Objetivos, questões e hipóteses	90
4.1.	Objetivos	90
4.2.	Questões e hipóteses	91
5.	Metodologia	95
5.1.	Amostra analisada	95
5.2.	Análise dos <i>ses</i> realizados	97
5.3.	Envelope de variação	100
5.3.	Análise estatística	106
6.	Análise e resultados	107
6.1.	Análise dos <i>ses</i> realizados	107
6.1.1.	Tipo de <i>se</i>	108
6.1.2.	Pessoa do sujeito	114
6.1.3.	Colocação do clítico na sentença	117
6.2.	Contextos de variação	121
6.2.1.	Grupo de fatores lingüísticos	122
6.2.1.1.	Tipo sintático do verbo	122
6.2.1.2.	Tipo semântico-pragmático do verbo	127
6.2.1.3.	Item lexical	133
6.2.2.	Grupos de fatores sociais	136
6.2.2.1.	Sexo	137
6.2.2.2.	Escolaridade	138
7.	Considerações finais	141
8.	Referências bibliográficas	149

LISTAS

Quadros

Quadro 1: Supressão de clíticos anafóricos por tipo de clítico (adaptado de Nunes, 1995)	78
Quadro 2: Estratificação social das entrevistas da cidade de Florianópolis do Banco de Dados VARSUL consideradas na análise do <i>se</i> medial	97
Quadro 3: Tipos sintáticos de verbos medializadores	123
Quadro 4: Quadro semântico-pragmático de grau de atividade dos verbos mediais	129

Gráficos

Gráfico 1: Quadro geral da supressão de clíticos anafóricos (Nunes, 1995, p. 211)	77
Gráfico 2: Distribuição da ausência do clítico <i>se</i> no português falado (Melo, 2005, p. 94)	87
Gráfico 3: Distribuição dos usos de <i>se</i> medializador, reflexivo e expletivo	109
Gráfico 4: Distribuição da realização (vs. não-realização) do usos medializador e reflexivo do <i>se</i> na fala de Florianópolis	112
Gráfico 5: Distribuição da ausência do clítico <i>se</i> no português falado	146

Tabelas

Tabela 1: Distribuição dos tipos de <i>se</i> medial na fala de Florianópolis	108
Tabela 2: Freqüência de realização (vs. não-realização) do <i>se</i> medial na fala de Florianópolis	111
Tabela 3: Distribuição do <i>se</i> medial de acordo a pessoa do discurso (sujeito) na fala de Florianópolis	115
Tabela 4: Distribuição do <i>se</i> medial quanto à colocação do clítico na sentença na fala de Florianópolis	117
Tabela 5: Cruzamento entre o tipo de <i>se</i> medial e a colocação do clítico na sentença	119
Tabela 6: Influência do tipo sintático do verbo sobre a realização (vs. não-realização) do <i>se-medializador</i> na fala de Florianópolis	125
Tabela 7: Influência do tipo semântico do verbo sobre a realização (vs. não-realização) do <i>se</i> medial na fala de Florianópolis	131
Tabela 8: Realização (vs. não-realização) do <i>se</i> medial de acordo com os itens lexicais mais freqüentes na fala de Florianópolis	134
Tabela 9: Influência do tipo de <i>se</i> medial sobre a realização (vs. não-realização) do clítico na fala de Florianópolis	135
Tabela 10: Cruzamento entre <i>item lexical</i> e <i>tipo de se</i> medial	136
Tabela 11: Influência do <i>sexo</i> do informante sobre a realização (vs. não-realização) do clítico <i>se</i> na fala de Florianópolis	138
Tabela 12: Influência da <i>escolaridade</i> do informante sobre a realização (vs. não-realização) do clítico <i>se</i> na fala de Florianópolis	139

1. APRESENTAÇÃO DO FENÔMENO EM ESTUDO

O clítico *se* sempre nos espicou a curiosidade com sua aptidão para transmutar-se. Por vezes, até nos chateou com suas muitas aparições nas gramáticas normativas¹. Era com muito esforço que tentávamos identificar as fronteiras ambíguas entre suas funções. Quando os domínios das funções começavam a se embaralhar, era preciso rever a lição da gramática para alumiar os contornos. Mas, no fim, não nos convencíamos totalmente. Ficava “uma pulguinha atrás da orelha”.

Reza a gramática normativa que a palavra *se*, apesar de pequena, pode assumir várias funções e classes: objeto direto, objeto indireto, sujeito de um infinitivo, parte integrante do verbo, partícula ou pronome de realce, símbolo ou índice de indeterminação do sujeito, partícula ou pronome apassivador e conjunção. Não é à toa que o *se* tem recebido vários epítetos: “ponto escabroso” (Napoleão Mendes de Almeida), “famigerado *se*” (Jairo Nunes), “palavra oblíqua e dissimulada” (Castelar de Carvalho), “guardião das portas do inferno” (citado por Fernanda Rosário de Mello), e por aí vai.

A vontade era de abranger todas essas funções nesta pesquisa; porém mostrou a vida que é preciso “recortar” o objeto de estudo quando não se tem muito tempo. Assim fizemos. O *se* que pretendemos abordar é aquele que se

¹ Nesta dissertação faremos menção, indistintamente, a “gramática normativa” e “gramática tradicional”.

correlaciona ao sujeito de uma construção. Queremos estudar o grupo de *se* que exprime a *voz média* ou *medial*. Ela é um meio termo entre a ativa e a passiva; contém em si, de certa forma, uma mistura dessas duas vozes verbais. Na voz média, há algo de ativo e, ao mesmo tempo, de passivo, uma vez que o sujeito pratica (ativa) e, ao mesmo tempo, sofre (passiva) a ação verbal. O sujeito apresenta-se interessado e integrado ao evento, uma vez que este parte do sujeito e para ele retorna, ou nele se reflete, daí o fato de a voz medial ser também chamada de reflexiva.

A voz medial, portanto, tem como ponto de partida o sujeito, elemento integrado e interessado no evento, tomado como princípio, meio e fim do processo. Ele é responsável pelo desencadeamento do evento e, ao mesmo tempo, pela receptividade de seus efeitos. Ensina Câmara Jr. (1986): “A noção gramatical, que carrega a voz medial, é a de uma integração do sujeito na ação que dele parte.” (p. 164)

Segundo Câmara Jr. (1974, p. 182-183), há três subcategorias de voz média: medial reflexiva, medial recíproca e medial dinâmica. Esses três valores estavam presentes no latim clássico e foram transmitidos ao português². Entretanto, sustenta Carvalho (1990), o *se* clássico era maciçamente pronome reflexivo. Empregado sempre com verbos transitivos, o *se*-reflexivo manteve em suas linhas gerais a mesma fisionomia sintática herdada da matriz latina: complemento objetivo direto ou indireto.

As nossas gramáticas normativas caracterizam esse fenômeno basicamente como a inversão da transitividade da ação verbal. Dessa forma, a ação expressa pelo verbo não passa para outra pessoa, mas se reverte à pessoa do próprio sujeito. Este é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal.

Na tentativa de clarear o que seja uma construção reflexiva, Freitag (2003, p. 60) usou os seguintes esquemas: *sujeito_i + verbo transitivo direto + objeto direto_i* e

² Sempre que se usar o termo *português*, estar-se-á fazendo referência ao português brasileiro. Não se fará qualquer distinção entre este e o português europeu.

sujeito_i + verbo transitivo indireto + objeto indireto_i, simplificando: S_i+V+O_i . O índice *i* significa que sujeito e objeto são correferenciais. Dos pronomes que podem funcionar como reflexivo, o *se* é o mais prototípico, por funcionar exclusivamente como pronome correferente ao sujeito da oração.

(01) Ele *se* viu (S_i+V+O_i).

Já os outros pronomes podem ou não ser correferentes ao sujeito:

(02) Eu *me* vi (S_i+V+O_i).

(03) Ele *me* viu (S_i+V+O_j).

(04) Ele *o* viu (S_i+V+O_j).

Outra propriedade da medial reflexiva é a possibilidade de comutação do clítico por um objeto diferente do sujeito sem, com isso, provocar alteração no sentido do verbo.

(05) a. Pedro *se* feriu.

b. Pedro *o* feriu.

Em ambos os exemplos de (05), depreende-se que “Pedro feriu (machucou) alguém”. O verbo, nessas construções, não é privativamente reflexivo. O clítico *se* que aparece nas construções mediais reflexivas será chamado aqui de *se-reflexivo*.

Derivado da aceção reflexiva, havia também, no latim clássico, o *se* recíproco (cf. Carvalho, 1990). Esse emprego também está presente no português atual. O clítico é empregado para exprimir reciprocidade de ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois indivíduos ou mais. É o que Câmara Jr. chama de *reflexividade cruzada*³. Em razão disso, entende-se a definição de Bechara (1999) de que é *se* recíproco aquele que traduz a idéia de *um ao outro, reciprocamente*:

(06) Eles *se* abraçaram (um ao outro).⁴

³ Consultar Câmara Jr. (2002, p. 164).

⁴ Exemplo extraído de Bechara (1999, p. 165).

Com menos intensidade, havia também, no latim clássico, o uso da medial dinâmica, que corresponderia, em português, a construções pronominalizadas do tipo:

(07) Ele *se* levantou.

Nessas construções, embora o clítico retome a pessoa do sujeito e transcenda como ponto de partida da ação verbal, ele não funciona como objeto sobre o qual recairiam os efeitos da ação. Diferentemente das estruturas reflexivas e recíprocas, as construções com esse tipo de *se* sofrem alteração de sentido ao trocar o *se* por um objeto não anafórico ao sujeito:

(08) Ele *o* levantou.

Observe-se que o sentido da oração passa a ser “ele suspendeu alguém/algo”, “ele ergueu alguém/algo”. Dessa maneira, o *se* é importante para a interpretação verbal; remete ao sujeito, transmitindo que ele se encontra integrado e interessado na ação verbal. Por esses motivos, esse tipo de *se* é chamado pela gramática tradicional de pronome reflexivo fossilizado ou de *parte integrante do verbo*. Mesmo receosos de lançar outro termo para designar esse tipo de *se*, o chamaremos de *se-medializador*, aceitando a sugestão de Ilari:

Se não fosse arriscado dar mais um rótulo à partícula *se*, que a gramática tradicional já castigou espetando-lhe tantas etiquetas sem no fundo entendê-la, falaríamos de bom grado aqui em '*se medializador*'. Deve ter sido pela via desses '*ses medializadores*' que surgiu em português uma conjugação intrinsecamente pronominal, onde o pronome *se* já não exprime qualquer papel profundo (Ilari *et al.*, 2002, p. 163).

A medial dinâmica, talvez por não obrigar coindexação do *se* com o sujeito, permitiu, “no próprio latim clássico, o uso da reflexiva com sujeitos inanimados, envoltos aqui numa espécie de personificação metafórica” (Carvalho, 1990, p. 67), abrindo espaço para orações do tipo:

(09) a. O mar *se* agita.

b. A estrada *se* estende.⁵

Ainda, da medial dinâmica, nasceu a *medial expletiva*, em que o *se*, contíguo a verbo intransitivo, tem valor mais estilístico do que propriamente gramatical. Esse tipo de *se* recebe da gramática tradicional a atribuição de *pronome* ou *partícula de realce*. Para Câmara Jr. (1986, p. 164) *ir-se*, *chegar-se*, *rir-se* são exemplos de medial expletiva.

O clítico *se*, no latim clássico, conforme apresentado, embora fosse usado quase exclusivamente como reflexivo/recíproco, já anunciava várias possibilidades de empregos. Com o passar do tempo, houve uma larga expansão da medial dinâmica. Atualmente, são várias as possibilidades de construção com o *se* que não desempenham a função reflexiva propriamente dita.

Todos esses tipos de *se*, como vimos, referem-se à voz medial, também chamada de voz reflexiva. Recapitulando, a voz média subdivide-se em três categorias: medial reflexiva, na qual se enquadra o *se-reflexivo*; medial recíproca, na qual se insere o *se-recíproco*; e a medial dinâmica, na qual se enquadram o *se-medializador* e o *se-expletivo*. Como todos esses *ses* referem-se à categoria maior *voz média*, para designá-los em conjunto, falaremos em *se medial* ou *ses mediais*.

Neste estudo, abordaremos esses quatro tipos de *se* medial, contudo, embora retomemos as conhecidas definições da gramática tradicional e tratemos as funções do *se* de forma estanque nesta apresentação, assumiremos postura diferente ao longo do trabalho. Reconhecemos as fronteiras ambíguas existentes entre o *se-reflexivo* e o *se-medializador*, o *se-medializador* e o *se-expletivo*; e as atribuiremos às mudanças lingüísticas ocorridas desde o latim clássico.

Entendemos que, com o passar do tempo, o *se*, antes restrito às funções de objeto direto e indireto no latim, alarga seus domínios funcionais. Nesse percurso, o *se* não mudou abruptamente para outra função, mas foi paulatinamente assumindo outras nuances, de modo que, ao mirarmos as

⁵ Exemplos extraídos de Carvalho (1990, p. 68).

fronteiras entre as funções, não é possível estabelecer limites bem definidos. Recorreremos à teoria do Funcionalismo Lingüístico para nos auxiliar a perceber e sistematizar esse *continuum*.

Outro fato interessante está acontecendo com o clítico *se*: as pessoas estão apagando-o em algumas circunstâncias. Ora o clítico *se* faz presente, ora não. Essa variação está, inclusive, presente na fala de uma mesma pessoa:

(10) Quando eles iam *se casar*... (SC FLP 03 FAP)⁶

(11) Quando eles iam \emptyset casar, ele morreu. (SC FLP 03 FAP)

Indagamos qual tipo de *se* está sendo apagado, por que motivos. Camacho (2003) lança a hipótese de que o *se* suprimido seja o medializador. A supressão do *se* marcaria a medialidade (ou seja, a voz medial dinâmica), enquanto a manutenção do clítico, a reflexividade. Isso “induziria a pensar que o PB falado estaria passando de sistema de uma forma, em que os dois tipos de construção compartilham a mesma morfologia, para um sistema de duas formas” (Camacho, 2003). Queremos investigar se esse apagamento seria indício de mudança. Para tanto, evocaremos a teoria da Sociolingüística para esquadriñar a variação entre os dois usos.

Há ainda dois empregos do clítico *se* que nos chamam a atenção: o redobramento e a combinação do *se* com outras pessoas do discurso, como *eu*, *tu* e *nós*, conforme mostram respectivamente os exemplos a seguir:

(12) Ó, era uma pessoa ótima, *se viciou-se*. (SC FLP 17 FBG)

(13) *Se molhei* tudo. (SC CRI 49)⁷

(14) Nós *se separamos*. (SC FLP 03 FAP)

⁶ A sigla refere-se à identificação da entrevista de onde foram coletadas as ocorrências, pertencente ao Banco de Dados VARSUL, estratificadas quanto ao sexo, três faixas etárias e três faixas de escolarização. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis) e o número é o número do informante. A sigla seguinte informa o sexo do falante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (J para 15 a 24 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos) e o tempo de escolarização (P para 4 a 5 anos, G para 35 a 49 anos e C para 9 a 11 anos). A caracterização e a constituição do *corpus* de análise são detalhadas na parte dos procedimentos metodológicos, seção 5.1.

⁷ Este dado é de Criciúma-SC.

(15) Esses bailes de sítio. São muito bons, né? tu *se* diverte muito, mais que nos bailes da cidade. (SC FLP 14 MBG)

Embora seja desejo debruçar-nos sobre esses fenômenos, eles serão abordados brevemente nesta dissertação. O intuito é mais de anunciar nosso reconhecimento desses dois empregos.

Por fim, são estas as facetas do *se* que pretendemos auscultar: *se-reflexivo*, *se-recíproco*, *se-medializador* e *se-expletivo*. Os dados que serão submetidos às análises são provenientes de situações concretas de fala, registradas no Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do Brasil). Este banco é composto por entrevistas de cerca de uma hora de duração cada uma, gravadas segundo orientação metodológica da Sociolingüística laboviana. Seleccionamos 36 informantes de Florianópolis para análise, estratificados de acordo com as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade.

Acreditamos que trabalhar com dados reais de fala torna nosso estudo mais comprometido com a realidade. Além do mais, buscaremos correlacionar as manifestações do *se* às situações comunicativas em que elas ocorrem, levando em consideração o falante. Essa forma de trabalho é fundamental, visto que também é pré-requisito das teorias abordadas desenvolver a análise lingüística apreciando o contexto global do discurso. É nele que a forma semovente chamada clítico *se*, de função medial, será objeto de nossas elucubrações.